



OGUM AFRO-BRASILEIRO: ALTERNATIVAS DE PERTENCIMENTO CULTURAL PROPOSTAS PELOS RACIONAIS MC'S EM *SOBREVIVENDO NO INFERNO*.

OGUN AFRO-BRASILEÑO: ALTERNATIVAS DE PERTENECIMIENTO CULTURAL PROPUESTAS POR LOS RACIONAIS MC'S EM *SOBREVIVENDO NO INFERNO*.

Cintia Camargo Vianna¹

Universidade Federal de Uberlândia

Resumo: Assumindo a existência de relações constitutivas entre as cosmogonias africana e cristã na composição de uma cosmogonia afro-identificada, dispersa por toda a Diáspora Africana, o objetivo desse trabalho é apontar a composição de um universo afro-brasileiro de pertencimento, construído por intermédio da Orixalidade, presente nas comunidades-terreiro de matriz africana, Orixalidade essa que se espraia para o cerne do Movimento Hip Hop e aparece nas letras de rap como representação de origem. Ocupar-nos-emos, assim, desse aproveitamento feito pelos rappers dos Racionais MC's, especialmente no CD *Sobrevivendo no Inferno* (1997).

Palavras-chave: Ogum; Literatura Afro-Brasileira; Orixalidade; Racionais MC's.

Resumen: Asumiendo la existencia de relaciones constitutivas entre las cosmogonías africana y cristiana que resultarían en una cosmogonía afro-identificada, dispersa por toda la Diáspora Africana, el objetivo de este trabajo es apuntar la composición de un universo de pertenencia africano-brasileño, construido a través de una Orixalidade compuesta en la Diáspora, en las comunidades de terreiro de matriz africana, Orixalidade que se extiende al centro del Movimiento Hip Hop y está puesta en las letras de rap como representación de origen. Así que nos ocuparemos de ese aprovechamiento hecho por los raperos de los Racionais MC's, especialmente en el CD *Sobrevivendo no infierno* (1997).

Palabras-llave: Ogum; Literatura Afro-brasileña; Orixalidade; Racionais MC's.

¹ Professora Doutora da Universidade Federal de Uberlândia e Membro do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (UFU). E-mail: cintiacamargovianna@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: RAP COMO ESPAÇO DE ORGANIZAÇÃO DE NARRATIVA DE NACIONALIDADE ALTERNATIVA

Assumir como posição teórica a existência de um cânone Afro-Brasileiro significa assumir a possibilidade, por exemplo, de cruzamentos entre o corpo dos Estudos Literários Tradicionais e o corpo teórico de Estudos Culturais, fenômeno razoavelmente recente no Brasil.

Os Estudos Culturais ocupar-se-iam, de modo amplo, de discussões sobre a natureza e a abrangência de produções culturais e, particularmente, sobre como se construiriam as identidades culturais por indivíduos, por grupos, além de pensar essas identidades inseridas em contexto de mercado, de Estado (as relações de poder e a indústria cultural), a mídia e as grandes corporações. Nesse caso, os Estudos Culturais incluiriam em seu cerne os Estudos Literários, visto que tratariam da produção literária na mesma condição que a de outros produtos culturais (HALL: 2003).

Para entender esse imiscuir, ainda que muitas vezes forçoso, entre os campos de atuação dos Estudos Literários e dos Estudos Culturais, recuperamos brevemente um pouco da trajetória de desenvolvimento dos Estudos Culturais no cenário ocidental. Isso significa considerar a existência de uma dupla genealogia para os Estudos Culturais: uma vertente de origem francesa, que se origina no primeiro estruturalismo francês dos anos 1960, para a qual a cultura e a literatura estariam inseridas num universo de práticas culturais, com fenômenos que precisam ser descritos. Uma das obras precursoras dessa vertente seria *Mitologías* (1999), de Roland Barthes.

A outra fonte para a compreensão do percurso assumido pelos Estudos Culturais é a obra *Cultura e Sociedade*, de Richard Hoggart, uma corrente anglo-saxã, que resgataria a construção de uma cultura operária, que se perdia na medida em que a cultura passava a ser identificada com a alta literatura (CULLER: 1999; HALL: 2003).

Assim, é sobre essa oposição entre duas vertentes, uma que prevê a cultura como expressão do povo e outra que prevê a cultura como uma imposição sobre o povo que se desenvolvem os Estudos Culturais. Nesse contexto, a importância de recuperar, estudar e sistematizar a cultura urbana, no cerne do qual estaria inserido o rap, seria a de entrar em contato com o que é importante para as vidas das pessoas comuns em oposição à alta cultura (a cultura erudita, da academia, dos professores, dos estetas); sem perder de vista, entretanto, a necessidade de indagar em que medida seriam as pessoas comuns manipuladas por produtos culturais.

Uma visão socializante do fenômeno literário ou ainda uma leitura literária de fenômenos ou textualidades não propriamente canônicas poderiam causar, segundo a visão de alguns estudiosos da literatura, males irreparáveis para o espaço dos Estudos Literários, dentre os quais talvez o principal seja a desconsideração da natureza específica do fenômeno literário que o distinguiria dos demais produtos sociais.

Alguns entre nós até admitem a necessidade de diálogo com outras ciências para que se empreenda uma prática de Estudos Literários mais atual e eficiente. Apesar disso, Perrone-Moisés (2007) destaca a necessidade de não limitar os Estudos Literários, com viés culturalista, à avaliação e discussão sobre a temática tratada nos textos literários como se esse fosse o principal objeto da pesquisa. Além disso, aponta a deficiência no manejo das outras ciências humanas por parte dos culturalistas em virtude, entre outras coisas, da falta de formação específica.

Assim, vemo-nos diante de uma encruzilhada: os Estudos Literários vão ocupar-se apenas do cânone, daqueles textos que sejam a representação de excelência literária e, ao assumir esse critério, pode-se incorrer na adoção de posições não-literárias que envolvem problemas de raça e gênero e, além disso, o outro ponto da encruzilhada seria qual o método para os Estudos Literários e qual o método para os Estudos Culturais. Antes, quando os Estudos Culturais estavam encerrados dentro dos Estudos Literários, aplicava-se instrumental próprio dos Estudos Literários a outros materiais culturais, com o desenvolvimento dos Estudos Culturais, até um momento em que seus praticantes já não são mais todos oriundos dos Estudos Literários, essa prática da análise literária se tornaria menos importante.

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Um trabalho sobre rap facilmente seria classificado pelos Estudos Literários como um Estudo Cultural, pois se ocupa de uma textualidade não-canônica, que necessita de aporte analítico outro que aquele oriundo da teoria literária propriamente dita, é uma textualidade que apresenta para ser compreendida uma demanda interdisciplinar.

Ao pensar sobre a discussão que vem sendo feita de maneira mais sistematizada e com mais força nos últimos 30 anos pelo menos sobre a possibilidade de consideração da existência de um espaço próprio para uma literatura afro-brasileira não se pode desconsiderar que esse é um conceito, uma ideia ainda em processo de construção.

Se assumirmos a perspectiva de Eduardo de Assis Duarte (2008) de que estaríamos diante da constituição de um perfil, de um cânone ou um rol de autores, traços estéticos, problemas temáticos para a literatura afro-brasileira, pensamos que um dos critérios a ser adotado para categorização desses textos seria o da representação do sujeito negro e de sua cultura, em textos escritos por negros ou não negros.

Nesse sentido, a produção do grupo paulistano de rap, Racionais MC's, é entendida por nós como uma possibilidade de literatura afro-brasileira contemporânea. Dentre os traços estético-poemáticos que se pode destacar nos textos produzidos pelo grupo Racionais MC's estão a evasão da realidade violenta e, talvez, o mais relevante aqui, a construção ao longo de toda a discografia do grupo de um personagem negro, marcado por momentos de ficcionalização, de uma representação para o sujeito negro ideal, que se constituiria como herdeiro de Orixás que foram reis e rainhas em tempos ancestrais em África.

Nesse caso, estaríamos diante de um material inserido em uma nova cartografia para a produção artística contemporânea, na qual não trabalharíamos exatamente com as categorias de nacional e internacional, por exemplo, mas, sim, num plano de redefinição para os pertencimentos.

Outro critério que ratificaria a condição dos *raps* produzidos pelos Racionais MC's como literatura afro-brasileira é o trabalho de trazer a luz, de retirar das sombras (GILROY:2001) a realidade do afrodescendente, sua vida e suas histórias. O rap, nesse caso,

auxiliaria no rompimento com a invisibilidade à qual estariam historicamente relegados os afrodescendentes e sua cultura.

Ao cantar sua realidade, torna pública a experiência de violência que não é só dele, mas é também do anônimo coletivo que ele representa, daqueles a quem a voz é negada em virtude de sua condição. Nesse caso, o rapper aparece na condição de sacerdote (GILROY, 2001).

2 SOMOS POVO DE OGUM: A IDEIA DE PERTENCIMENTO RECONSTRUÍDA PELA PRESENÇA DA ORIXALIDADE

Pensando, por um lado, na ideia de construção de narrativas de nacionalidade e da presença ou da importância de mitos de origem para entender essas narrativas e, por outro lado, na produção dos Racionais MC's e de outros rappers de gerações posteriores como, por exemplo, Emicida é que surge a ideia da Orixalidade, entendida aqui como uma cosmovisão herdada pelo movimento Hip Hop das comunidades-terreiro. Nesse sentido, considerando principalmente a produção dos Racionais MC's, mais especificamente o disco *Sobrevivendo no Inferno* (1997) é que surge Ogum e a necessidade de verificar o que motiva a presença desse Orixá na faixa de abertura do CD.

Como nossa premissa, apresentada na primeira parte desse texto, é a da existência de uma literatura afro-brasileira, assumimos que essa literatura se constituiria como um contra-cânone em termos de construção de narrativa de nacionalidade, e nos referimos aqui às representações nacionais produzidas no Romantismo e retomadas no Modernismo. Ogum, assim, aparece como um mito alternativo, como possibilidade de pertencimento positivo, posto que o Orixá tem em seus enredos a difusão de valores associados à luta, ao domínio de tecnologia, à força e a bravura.

A apropriação das narrativas ou Itans de Orixás que fazem parte das tradições das comunidades-terreiro pelo Movimento Hip Hop é o que nos interessa nesse caso. O uso dessas narrativas ancestrais na construção da poética dos Racionais MC's apareceria como mecanismo de acionamento de outro universo de significados para a composição do pertencimento dos afro-brasileiros, o que levaria essa população e sua cultura para um

reposicionamento dentro da narrativa nacional, assumindo um lugar de resistência e nobreza, posto que Ogum é o Orixá da luta por excelência, é aquele que vêm à frente (VERGER: 1981).

No caso dos Racionais MC's e da música-texto por nós escolhida, a narrativa ancestral retomada e não fortuitamente escolhida para abrir o CD é a narrativa de Ogum que, no caso dessa composição, aparece sincretizado com São Jorge.

Nesse caso, é premente a necessidade de verificar como o discurso de nacionalidade (pertencimento e não pertencimento) vai se compor no chamado mundo não-americano. Seria nas comunidades-terreiro que essa identidade narrativa alternativa (a da Orixalidade) se tornaria possível. Seria no cerne dessa religiosidade afro-brasileira que se concretizaria para a população afro-descendente um local de pertencimento cultural (e místico, evidentemente). Gostaríamos de pontuar que quando os Itans (narrativas ancestrais) são incorporados nas composições dos raps, como é o caso de Jorge da Capadócia, essa narrativa oferece ancoramento para o texto do rapper. A Orixalidade oferece a circularidade dos mitos de origem, posto que esse mito propõe a construção, ou ainda, a sistematização de uma outra cosmovisão para o pensamento contemporâneo, uma visão não domesticada para a população e a cultura negra. Vejam o trecho a seguir:

Ogum nhê/Jorge sentou praça na cavalaria/ E eu estou feliz porque eu também sou da sua companhia.

É necessário observar que o rapper assume já no primeiro verso – “Ogum nhê” - o sincretismo afro-religioso, invocando Ogum, divindade do panteão Africano, recriada no panteão afro-brasileiro. O Orixá africano chega ao Brasil com os escravizados e para ser cultuado é preciso ser sincretizado com São Jorge, santo cultuado pela Igreja Católica, em virtude da forte perseguição a qualquer prática religiosa ou cultura das populações negras.

Há muitos itans diferentes sobre a Origem de Ogun, mas dentre os mais conhecidos está o que se chama *Ogun se torna rei de Ire*. Nessa narrativa, quando Odudua reinava em Ifé, mandou seu filho Ogun guerrear e conquistar os reinos vizinhos. Ogun destruiu muitas cidades e trouxe para Ifé muitos escravos e riquezas, aumentando de maneira

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

fabulosa o império de seu pai. Um dia, Ogun lançou-se contra a cidade de Irê, cujo povo o odiava muito. Ogun destruiu tudo, cortou a cabeça do rei de Irê e a colocou num saco para dá-la a seu pai. Alguns conselheiros de Odudua souberam do presente que Ogun trazia para o rei, seu pai. Os conselheiros disseram a Odudua que Ogun desejava a morte do próprio pai para usurpar-lhe a coroa. Todos sabem que um rei deve ver a cabeça decaptada de outro rei. Ogun não conhecia esse tabu. Odudua imediatamente enviou uma delegação para encontrar Ogun fora dos portões da cidade. Após muitas explicações, Ogun concordou em entregar a cabeça do rei de Irê aos mensageiros de Odudua. O perigo havia acabado. Ogun fora encontrado antes de chegar ao palácio de seu pai. Como Odudua queria recompensar o seu filho mais querido, presenteou Ogun com o reino de Irê e todos os prisioneiros e riquezas conquistadas naquela guerra.

Ao explicitar esse mecanismo de sincretismo, a exemplo do que faz Jorge Benjor em sua gravação de Jorge da Capadócia (1975), o grupo de rap aponta para seu público que o sincretismo foi arma de resistência e que quem vem à frente é Ogum, herança africana que é capaz de criar laços de pertencimento para a população negra ali representada. Assim, podemos afirmar que é com a ideia de resistência que o grupo trabalha quando constrói o disco *Sobrevivendo no Inferno* (1997) e usam as três primeiras músicas do álbum para tratar desse sincretismo que auxilia no processo de construção de pertencimento positivo.

O que os Racionais MC's querem ao construir esse álbum é construir uma trajetória de resistência e pertencimento que só é possível pela ancestralidade, pela recuperação de valores negros que a Orixalidade proporcionaria em contrapartida aos processos de desumanização empreendidos pela colonização.

Além disso, é preciso considerar também que o Movimento Hip Hop transporta (e transborda) para o seu cerne a ideia de família “inventada” própria das religiões de torno do “Santo”. Nesse caso, a Orixalidade garantiria a manutenção da ideia de origem e descendência, a noção de família que vai ser usada para resistir, existir e permanecer é bastante semelhante na religiosidade e no Movimento Hip Hop.

No caso dos versos de “Jorge da Capadócia” abaixo transcritos, o que temos é que a presença do Orixá é o que vai dar proteção, que ancora o sujeito negro num de origem

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

nobre, de origem guerreira. Além disso, não se pode desconsiderar que o Santo católico ao qual o Orixá é sincretizado também é guerreiro, também é invocado para resolver complicadas demandas e dar proteção.

Eu estou vestido com as roupas e as armas de Jorge./ Para que meus inimigos tenham pés e não me alcancem. / Para que meus inimigos tenham mãos e não me toquem./ Para que meus inimigos tenham olhos e não me vejam. / E nem mesmo em pensamento eles possam ter para me fazerem mal./Armas de fogo meu corpo não alcançaram/
Facas e espadas se quebrem sem o meu corpo tocar./ Cordas e correntes arrebentem sem o meu corpo amarrar. /Pois eu estou vestido com as roupas e as armas de Jorge.

Assim como há histórias heroicas em torno da figura de Ogun e que compõem o imaginário afro-brasileiro, especialmente daqueles que estão próximos São Jorge é um soldado cristão do Império Romano no século IV e é conhecido por ter vencido um dragão. Esse dragão possuía um hálito venenoso que poderia matar toda uma cidade, assim exigia-se o sacrifício de donzelas sendo que todas as moças da cidade já haviam sido mortas, a próxima vítima seria a princesa do reino (região da atual Líbia), mas Jorge foi enfrentar o dragão para salvá-la. As escamas do dragão não poderiam ser perfuradas por espada ou lanças comuns, entretanto Jorge com a proteção de Deus, sacralizando sua arma e armadura, conseguiu atingir o dragão.

Os fiéis buscam em São Jorge suas qualidades de guerreiro e homem determinado, sua espada representa as leis divinas, e a lança, a direção a ser tomada, que de acordo com Duran (2001) no regime diurno são símbolos de poder e pureza, pois todo combate é espiritualizado o que significa a existência de sociedade guerreira; simbolismo que é encontrado também na analogia do Orixá Ogum que em português *gum* significa guerra, ou seja, orixá das contendas, deus da guerra.

Jorge foi um guerreiro da guarda romana e teve seu martírio por não negar sua fé em Cristo, logo sua companhia é uma proteção à jornada. Fazer menção a Ogum é importante porque ele é o Orixá dono do ferro e do fogo, também é um guerreiro, um lutador que defende a lei e a ordem, que abre os caminhos e vence as lutas, agindo pelo instinto para defender e proteger os mais fracos.

Estar vestido com as roupas e as armas de Jorge é estar protegido de seus inimigos, criando uma defesa para escapar das armadilhas da periferia e assim poderem seguir seguros por este território marginal, como o próprio nome do disco evidencia, estes desejam sobreviver no inferno.

O mito de São Jorge faz referência à cosmogonia cristã praticada no Brasil desde sua colonização, o mito de Ogum faz referência à cosmogonia afro-brasileira iniciada pelos africanos. Os portugueses impedidos de escravizar índios na época da colonização voltaram ao continente africano em busca de escravos que trouxeram para o Brasil. Desde então, a cosmogonia africana também é praticada no país dando origem à cosmogonia afro-brasileira. São dois mitos que apresentam uma mesma ideia, sendo assim, um arquétipo que segundo afirma Mello (2002) embasada nos estudos de Jung, “representam a possibilidade formal de reprodução de ideias semelhantes” (MELLO, 2002, p. 69).

O arquétipo corresponde a uma espécie de molde flexível, subjacente a produções culturais de variados povos e épocas. Esclarecendo essa concepção, observa Storr que na ideia de herói subjaz o arquétipo, espécie de molde flexível que é preenchido por distintas culturas, através das produções míticas. É o arquétipo que garante, por exemplo, certa similitude entre vários heróis da mitologia universal. (MELLO, 2002, p. 69 apud STORR, s.d. p. 40).

Ainda de acordo com Mello (2002), o que dá sentido ao mundo e às coisas do universo são os mitos, por terem originado em épocas tão remotas a eles é dado o caráter de exemplaridade, ou seja, “ele constitui, para o homem, paradigma de comportamento no grupo social em que surge”. (MELLO, 2002, p. 30).

O disco *Sobrevivendo no Inferno* (1997) pode ser lido como uma espécie de manual para a construção de uma estratégia de sobrevivência em um território marginalizado de um país desigual.

As comunidades-terreiro aproximam-se da concepção de território no qual estão plantadas as raízes, as matrizes da família ancestral, oportunizando a seus fiéis a possibilidade de reorganização de identidade e pertencimento perdidos na Diáspora. Nesse caso, o rito e a performance encenados para os enredos de cada Orixá são entendidos como manutenção do

mito fundador. A presença dessa mitologia nos raps oferece para esses textos o valor de verdade, de uma certa literatura nacional que propaga e recria mitos fundadores.

Nesse sentido, cabe retomar a formulação de Paul Gilroy, em *Atlântico Negro* (1999) para quem a figura do rapper pode ser lida como a de um sacerdote, autorizado a manipular os mitos sagrados de origem para contar a história de pertencimento do povo afro-diaspórico. É por intermédio do resgate da Orixalidade que o rapper conseguirá recriar, por exemplo, a ideia de nobreza perdida na Diáspora.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, se considerarmos que a cosmogonia afro-brasileira surge do cruzamento da cosmogonia africana e da cosmogonia cristã, é preciso destacar a importância do processo de resgate de valores positivos para a divindade Ogun e o resgate da importância dele dentro do panteão afro-brasileiro – é aquele que abre, depois de Exu, as festividades, as comemorações.

O resgate de Ogun, ou ainda, a alusão à mitologia que sustenta esse Orixá remete a ideia de pioneiro, de desbravador, é aquele que abre os caminhos e é vitorioso. Assim, quando os Racionais MC's evocam essa divindade na primeira faixa do disco, a exemplo do que se faz no Siré de Candomblé, chamam para a cena de sobrevivência o amparo daquele que forja a faca dos sacrifícios, ele é o deus da técnica.

A partir do mito de Ogun é possível perceber que este orixá designa aos homens o conhecimento sobre a fabricação do ferro, material fundamental para o crescimento e avanço das sociedades. Sem o ferro, o progresso eminente do mundo contemporâneo seria impossível de acontecer. Ogun proporcionou a espécie humana a capacidade de manipulação dos elementos que fariam surgir esta liga forte, poderosa, propulsora das construções que conhecemos nos tempos atuais. Ogun é aquele que materializa os avanços humanos.

Assumir a presença dessa orixalidade é assumir que essas divindades e seus mitos dizem respeito não só ao que permanece, ao que regula, mas também ao que surge de novo e excede o limite do passado. Assim, a tradição desses Orixás cultuados nas comunidades-



terreiro e que, em certa medida, atravessam o Movimento Hip Hop e, conseqüentemente o rap, é uma tradição não – estática, marcada por movimento de inovação, ruptura, liberdade.

REFERÊNCIAS

CULLER, J. **Teoria Literária: uma introdução**. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura afro-brasileira: um conceito em construção**. In.: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, p. 11-23.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: UCAM, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. RJ: DP&A, 1998

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. (org.) Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. **Poesia e imaginário**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 9-123

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Vira e Mexe, nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. SP: Cia. das Letras, 2001.

VERGER, Pierre Fatumbi, 1981. **Deuses Iorubas na África e no Novo Mundo**. Salvador: Corrupio Edições, 1981.

Discografia dos Racionais MC's

Faixa 1 do CD "**Sobrevivendo no Inferno**" 1997 do Grupo Racionais MC 's, "Jorge da Capadócia".